

## **Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo<sup>1</sup>**

Ronaldo Helal<sup>2</sup>

Ronaldo Galvão Marques<sup>3</sup>

Álvaro do Cabo<sup>4</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

O artigo realiza uma análise do material jornalístico relativo aos Jogos Pan-Americanos de 2007, com o foco voltado para os recursos acionados pela imprensa na “construção” de nossos heróis esportivos. Como parte do cronograma do projeto “Meios de Comunicação, Idolatria, Identidade e Cultura Popular” apoiado pelo CNPq e coordenado por Helal, foram coletados os Jornais *O Globo* e *Lance!* durante o período de 16 a 30 de julho de 2007. A cobertura dos Jogos Pan-Americanos nos veículos da imprensa carioca demonstra que as tentativas de construção de ídolos no campo dos esportes amadores são muito mais complexas e utiliza-se de uma lógica distinta da formação dos heróis futebolísticos. Aqui, valoriza-se o “suor” e a “superação” e relega-se a um plano secundário elementos como “talento” e “magia”

### **Palavras-chave**

Jogos Pan-Americanos; Idolatria; Jornalismo

### **Introdução**

Este artigo tem por objetivo analisar o material jornalístico relativo aos Jogos Pan-Americanos de 2007, com o foco voltado para os recursos acionados pela imprensa na “construção” de nossos heróis esportivos. Como parte do cronograma do projeto “Meios de Comunicação, Idolatria, Identidade e Cultura Popular” apoiado pelo CNPq e coordenado por Ronaldo Helal, foram coletados os Jornais *O Globo* e *Lance!* (que elaborou uma encadernação especial para os Jogos) durante o período de 16 a 30 de julho de 2007.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Orientador do Trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação (Bolsista PIBIC) – Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Este mega-evento esportivo, segundo Gurgel Campos (2007)<sup>5</sup> dividiu a opinião dos jornalistas de uma forma geral, visto que uma parte defendia que se tratava do maior espetáculo esportivo das Américas, sendo para outros uma competição de pouca importância. Entretanto, neste ensaio pretende-se compreender como os jornais analisados veicularam as “histórias” dos atletas brasileiros ao longo das competições realizadas durante o Pan-Americano do Rio de Janeiro, independente da visão atribuída pela mídia aos Jogos.

No que concerne à cobertura midiática no Brasil referente aos atletas, geralmente, sublinha-se o êxito por meio de atributos como “genialidade”, “irreverência” e/ou “malandragem”. Essa “construção” dos veículos de comunicação tem como modelo predominante as narrativas em torno de nossos ídolos futebolísticos. Cabe a pergunta: que narrativa de futebol? O da seleção de 1970, por exemplo, visto como algo “mágico”, como expressão “genuína” do nosso talento e que, equivocadamente, é exposta como uma seleção que não precisava de treinamentos e suportes táticos?<sup>6</sup> Ou o futebol da seleção de 1994, percebido, pelos analistas esportivos, como “defensivista” e de “rigidez tática”? Ambas as seleções foram vitoriosas, mas enquanto a de 1970 é vista como “emblema” do futebol brasileiro a de 1994 foi considerada, por parte da imprensa na época, uma “violência” ao nosso suposto “estilo” de jogo. Gostamos de acreditar que os craques “nascem prontos”, como se diz de Romário, de Ronaldinho Gaúcho e tantos outros. Neste “imaginário construído”, só nós sabemos “jogar bonito”. No máximo, os argentinos, em alguns períodos, são identificados como praticando o “futebol sul-americano”<sup>7</sup>. Há, claramente, nesse pensamento uma pitada de soberba.

Quando surge uma biografia como a de Zico, ídolo consagrado e exaltado até os dias de hoje, na qual ele mesmo ressalta o esforço, a disciplina, o trabalho e o ascetismo para se atingir o apogeu, a narrativa midiática parece entrar em “crise”<sup>8</sup>. E isto porque não consegue conceber um craque a partir do “empenho”, mas somente da bênção inata de seus pés. A cobertura da mídia tem dificuldades em conciliar o “empenho” ao “talento”. Onde destaca a “genialidade”, não valoriza o “esforço”. Onde sublinha o

---

<sup>5</sup> Ver Gurgel Campos (2007) sobre a cobertura econômica do Pan-Americano do Rio de Janeiro a partir de reportagens veiculadas na Folha de São Paulo.

<sup>6</sup> Sobre a importância da preparação física na Copa do Mundo de 1970, ver o artigo “Copa de 70: planejamento México” de Antônio Jorge Soares, Marco Antônio Salvador e Tiago Bartholo (2006)

<sup>7</sup> Ver Helal (2007) para um estudo comparativo entre a narrativa do futebol brasileiro e argentino na imprensa dos dois países.

<sup>8</sup> Para um estudo comparativo sobre as biografias de Zico e Romário, ver Helal (2003).



trabalho de longa jornada, não toca na aptidão inata. Sabemos, contudo, que os grandes ídolos, os maiores heróis do esporte, sempre combinaram esses elementos, quase como em um movimento dialético. Da junção de suas habilidades peculiares com uma disciplina de trabalho, que lapida essas mesmas habilidades, nasce um craque, um ídolo esportivo. Alguém que está pronto para ser um “herói”.

No entanto, os veículos de comunicação suspenderam essa vertente da “genialidade” e do “improviso” ao tratar dos esportes olímpicos durante o PAN 2007. Até porque são esportes que não estão em pauta diariamente. Muitos são pouco conhecidos ou, até mesmo, desconhecidos. Não há como tratar os atletas brasileiros do *badminton* como “nascidos para àquele esporte”, ou destacar a “malandragem” dos fundistas brasileiros ou, ainda, a “malícia” dos nadadores. Sobretudo quando se tratava de esportes individuais, como o Boxe, o Judô e a Ginástica, e esportes sem o amparo de investimentos, como o Taekwondo, o Caratê e o Levantamento de Peso. O tratamento da imprensa sobre os êxitos dos atletas passou a versar sobre o “esforço”, a “disciplina”, a “repetição”, as “dificuldades”, o “suor” para se chegar à vitória.

Em boa parte das matérias se ressalta elementos como infância difícil, contusões e barreiras das mais diversas, elementos muito destacados também na análise dos ídolos futebolísticos, presentes ostensivamente nos momentos antes da abertura dos Jogos. Analisaremos, pois, os destaques da mídia impressa, tomando como referências atletas brasileiros medalhistas.

### **I – Superação, Suor e Lágrimas.**

Na matéria “Diouro Silva”, do jornal *Lance!*, do dia 16 de julho (pág 10A), uma alusão à medalha de ouro conquistada pelo lutador de Taekwondo, Diogo Silva, ganha destaque o fato dele só receber R\$ 600, da Confederação, como salário e, por isso, ter que arcar com o próprio dinheiro para viajar, em busca de medalhas, nas competições, no exterior. A falta de ajuda e a longa jornada de treinamentos e esforços é destacada por Márcio Wenceslau, medalha de prata, em outra categoria, em um *box*: “—Eu passo mais tempo com o Diogo do que com a minha namorada. O ano todo nós pensamos que o título no Pan-Americano poderia mudar nossas vidas. Eu fui prata e ele conseguiu ser ouro. E isso tudo foi sem patrocínio.”

Em seguida, abaixo de uma foto de meia página de Diogo erguendo a bandeira do Brasil, ainda com seu material esportivo, ressalta-se a “infância complicada”, quando o então menino poderia ter se perdido em coisas erradas. Eis a declaração do atleta:

“—No bairro (Jardim Roseira e Manoel da Nóbrega, em Campinas-SP) onde morei por muitos anos, o maior exemplo era quem segurava uma arma. Tenho muitos amigos que seguiram neste caminho. Mas, hoje, eu sou referência e o Brasil precisa de exemplos assim...”

O próprio Diogo parece ter consciência de que sua história pessoal, servindo como exemplo para muitas crianças em dificuldades, é a história de um herói do esporte. Alguém que, com poucas perspectivas futuras, golpeou as barreiras e se tornou um medalhista pan-americano. Sua conquista traz consigo todo o passado difícil e foi atingida graças ao “empenho” de Diogo. Venceu, portanto, pelo árduo “trabalho” diário.

História bem parecida a de Diogo é a do lutador de caratê Juarez da Silva Soares, medalha de ouro na categoria acima dos 80 kg. Ao lado do texto, uma foto de Juarez, no *podium*, com os braços erguidos e olhando na direção da palavra “ouro”, do título. O título da matéria do jornal *Lance!* (pág 8A), do dia 26 de julho, é o seguinte: “Do pancadão para o ouro”, fazendo referência ao fato de o atleta ter sido funkeiro na adolescência, fase em que teve muitos problemas com brigas e andava com más companhias. Segundo o próprio atleta: “Os que não morreram, estão presos. O esporte é tudo na minha vida. Sei que a minha felicidade hoje vai ser a de muita gente amanhã, por conta da medalha de ouro.”

Infância crua, seca, mas “salva” pelo esporte. O “empenho” de anos atingiu sua meta e ele dedicou seu ouro a Deus e ao seu treinador. Outra provação vencida que quase o tirou do caminho certo, quando já praticava o esporte, foi a perda de sua mãe. Segundo a matéria, a ajuda de seu técnico foi essencial para que Juarez se mantivesse no caminho certo, o caminho do trabalho, hoje, caminho aurífero. Finalmente, ele parece ter a mesma percepção de seu papel social para a comunidade de onde proveio, como ocorre com Diogo Silva. Sabe que é um exemplo a ser seguido pelos jovens de futuro incerto. Essa consciência já é um bom princípio.

O caderno de esportes do jornal *O Globo*, de 25 de julho, traz, na página 7, uma pequena matéria sobre o pugilista Pedro Lima, que ganharia o ouro na categoria meio-médio dois dias depois. O texto começa com a seguinte frase: “O lado doce da vida Pedro Lima só conheceu quando vendia chocolates, em Salvador”. Juventude penosa, continua a matéria, que contou com uma ajuda de custo de R\$ 100, do próprio técnico, dinheiro que usava para comprar o botijão de gás, para que sua mãe pudesse cozinhar. No jornal *Lance!* de 28 de julho (pág 11A), dia seguinte à vitória, Pedro ganha mais destaque. Em meia página, uma foto sua com os braços erguidos, o tronco enrolado na bandeira brasileira e um texto, com o título: “Tijolada Dourada”, uma menção ao fato de ter sido, também, pedreiro. A vitória que veio, restando apenas 12 segundos para o fim da luta, segundo o próprio pugilista: “—Foi na garra, raça, coração mesmo.” Qualidades que, sublinha o jornal, são as que pautam a vida do baiano de Riacho de Jacuípe. O esporte lhe deu um caminho, mas essa trajetória somente chegou à medalha de ouro pan-americana, pois soube unir sua boa técnica ao “empenho” cotidiano nos treinamentos. Segundo a matéria, o atleta é, acima de tudo, um forte. Um forte que, segundo o jornal, evita falar sobre os tempos de maior sofrimento e venceu graças ao esforço do dia-a-dia: “Homem não chora, cai lágrima do olho. E eu só quero saber de alegrias.”

Tratando da conquista das medalhas de ouro no conjunto de ginástica rítmica, foram duas (conjunto de cinco cordas e conjunto de maçãs e arcos), o *Lance!*, do dia 29 de julho (pág 18A), traz, acima de uma foto da apresentação do grupo de cinco cordas, durante sua apresentação, o seguinte depoimento da treinadora Mônica Queiroz: “— Nós fazemos umas **cinquenta vezes** para chegar a um resultado.”(Os grifos são nossos). Ou seja, o efeito causado pelas coreografias, sua beleza plástica, não decorre, como pode parecer pela leveza dos passos, somente de uma aptidão para o esporte, mas é fruto de muito “trabalho”, muita “disciplina” e “repetição”. Os treinamentos atingem oito horas por dia, exigindo muito “esforço” e uma vida quase asceta, dedicada exclusivamente aos trabalhos de desenvolvimento das composições a serem apresentadas.

O mesa-tenista Hugo Hoyama se tornou o maior medalhista de ouro brasileiro, ao conquistar a medalha de ouro por equipe, no dia 24 de julho. Numa matéria intitulada “Pequeno grande Hugo”, uma referência a sua baixa estatura, assim como tudo no tênis

de mesa, *O Globo*, de 25 de julho, na página 3, do caderno de esportes, estampa uma foto do atleta sendo jogado para o alto, como o grande campeão, num gesto que ficou marcado na Copa de 1994, nos Estados Unidos, quando os jogadores brasileiros ergueram o então coordenador técnico Zagallo. A matéria ressalta que, apesar de ter ascendência oriental, Hugo demonstrou “sangue brasileiro” na disputa do último ponto, quando, segundo ele mesmo, suas mãos tremiam, e na comemoração da vitória, momento no qual se atirou ao chão em lágrimas. Ele é, assim, no texto, trazido mais pra junto da coletividade, do elemento nacional, apesar de suas raízes nipônicas. É um brasileiro. Isso é o que a matéria quer passar. Abaixo da grande foto, suas palavras de “superaçã”o:

“—Deixei de fazer muitas coisas na juventude e recebi muitas cobranças do meu primeiro técnico, Maurício Kobayashi. Mas tudo valeu a pena, pelos resultados. Dedico o título ao Cláudio Kano (amigo e companheiro de equipe morto num acidente de moto, em 1996) também.”

Hugo Hoyama é mais um que abdicou dos prazeres mundanos. Reputa sua vitória a esse “esforço”, empreendido em horas e horas de treinos. Por fim, oferece sua conquista a alguém que lhe foi importante. Uma maneira de dividir sua glória; de repartir o sucesso. Trata-se de algo muito recorrente, após as vitórias dos heróis nos esportes. O mesmo acontece no mundo artístico, isto é, o feito extraordinário é dedicado a alguém que cruzou sua trajetória, acrescentando algo em sua vida, ou a algum ideal que o guiou. Pelé dedicou seu milésimo gol às crianças carentes; Spielberg destinou “A Lista de Schindler” aos seis milhões de judeus mortos na Segunda Guerra; Virgílio ofereceu as “Geórgicas” a Mecenas, cavaleiro romano que o “patrocinava”. Enfim, são muitos os exemplos dessa natureza.

Na edição de 24 de julho (pág 8A), *o Lance!* trouxe a cobertura da conquista da medalha de ouro de Fabiana Murer, no salto com vara. Já no antetítulo traz a frase: “Fabiana Murer supera lesão e desconfiança para ganhar primeiro ouro no atletismo brasileiro no Rio”. No corpo da matéria, acompanhada pela foto da atleta no momento do salto para o ouro, diz Fabiana: “No momento em que senti as costas, pensei logo no Pan. No mau momento, as pessoas pensam sempre no pior. Mas coloquei na cabeça que iria superar e foi isso o que aconteceu...” Ela ultrapassou a barreira. Assim como venceu, também, o nervosismo durante as provas, de acordo com a matéria. Por último,

destaca o diário, outro ato de superação, agora contra a desconfiança, iniciado anos atrás: “Em 2001, Fabiana passou pelo pior momento de sua carreira. Seu treinador Elson Miranda decidiu pedir a ajuda do consagrado Vitaly Petrov na preparação da atleta. Ele aceitou e mudou quase tudo que ela fazia.”

Criticada pela reformulação total da metodologia de trabalho, Fabiana ultrapassou todas as barreiras que lhe foram impostas, através de sua “dedicação aos treinamentos”, e atingiu a medalha de ouro. Foi, portanto, mais uma atleta que uniu “trabalho” e “disciplina” a sua qualidade técnica.

Maurren Maggi, que se sagraria campeã olímpica em Pequim um ano depois, e Keila Costa ganharam, respectivamente, as medalhas de ouro e prata no salto em distância e tiveram suas histórias pessoais ressaltadas no diário *Lance!* (pág 6A), do dia 26 de julho, dia seguinte à conquista. Já no subtítulo, o passado recente de Maurren é lembrado: “No retorno ao Pan após *doping*, Maurren Maggi vence e não esconde seu patriotismo”. Acompanhando a matéria, em consonância, uma foto grande e centralizada da medalhista de ouro, carregando a bandeira do Brasil e com as unhas pintadas com as cores que compõem nossa bandeira. A ligação estreita dos atletas com os símbolos nacionais é algo bastante salientado pela mídia e muito bem aceito pelo público. Faz-se, assim, uma aproximação desses atletas com o restante do povo, já que se colocam abaixo desses símbolos, portanto na mesma condição que o mais comum dos homens. Estão, todos, submetidos à pátria, à mesma pátria. Essa aproximação fortalece os laços entre as duas pontas, os “heróis” e os “comuns”. De um lado da foto, algumas curiosidades sobre as duas medalhistas brasileiras do salto. Do outro lado, um *box*, que relata os momentos em que elas dobraram as dificuldades, com o título: “Pódio e superação em comum.” Um caso de *doping*, contestado por muitos, afastou Maurren das competições por anos e quase acabou com sua carreira.

“—Me sinto recompensada após o *doping*, foram oito anos de espera por essa medalha [ela não competiu no Pan de Santo Domingo], mas ela marca meu recomeço. Cheguei a afirmar que não voltaria, mas estou graças à minha família e ao meu treinador, Nélcio Moura”, disse Maurren.

O caso de *doping*, em 2003, não abalou o prestígio alcançado com o ouro nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1999, no Canadá, talvez porque a substância

encontrada no exame não fosse de origem nefasta, como anabolizantes ou dopantes, mas elemento de uma pomada cicatrizante. Ademais, Maurren é uma atleta de muito carisma pessoal junto ao público, está sempre sorrindo e acompanhada por um urso de pelúcia. Completamente recuperada do problema, dedica a vitória à família, fonte de conforto, e ao treinador, base de seu “trabalho”. A medalhista de prata Keila Costa também superou barreiras para atingir o sucesso na carreira. Segundo o diário esportivo, às lágrimas, recordou de sua infância pobre na cidade de Abreu e Lima, Pernambuco, onde começou a saltar descalça: “Minha mãe lutou muito para que eu chegasse até aqui. Ela merece mais essa medalha do que eu. Venci os desafios para realizar meu sonho”, explica Keila.

Pela leitura do material, Keila é mais um exemplo de que o “trabalho” e a “dedicação” podem culminar com a vitória. Senão uma medalha de ouro, mas uma medalha de vida, de alguém que saiu do nada, dos pés no chão, para um *podium*. Mais uma vez, as dedicatórias após a vitória aparecem. Agora à mãe.

Outro exemplo de superação, destacado no jornal *Lance!*, de 29 de julho, na página 9A, é o dos velejadores da classe J-24, que lograram a medalha de ouro. Na verdade, especificando mais, o esforço extraordinário do velejador João Carlos Jordão que, com latentes dores na coluna, teve de competir todas as etapas com um colar cervical, já que, caso não entrasse no barco, a equipe toda estaria eliminada da competição. “Foi a vitória da superação. As dores iam e vinham, mas agora quero esquecê-las e comemorar. Depois eu volto a pensar neste problema”, afirmou João, após a última etapa.

A vitória sobre a dor é sempre muita destacada na cobertura midiática dos esportes. O feito insólito de João Carlos Jordão se assemelha, por exemplo, às matérias feitas com alpinistas, que escalam as mais altas montanhas, vencendo as baixas temperaturas, os ventos fortes e as dores no corpo. Quem não se recorda, com profunda admiração, da maratonista suíça Gabriele Andersen-Scheiss que, nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, entrou triunfalmente no estádio olímpico e cruzou a linha de chegada, extenuada ao limite e com câibras por todo o corpo, acompanhada, bem de perto, por médicos, nos últimos metros da corrida? Uma imagem tão forte *per se*, que apaga completamente o 37º lugar da atleta. Isso pouco importa, pois os destaques da



mídia até hoje e o público *in loco*, no estádio, aplaudiram muito mais a mulher que venceu o próprio corpo do que a *ganhadora* da prova.

Mais um exemplo de “esforço” e “perseverança”, destacado pela mídia impressa, é o da ginasta Jade Barbosa. Um drama familiar é sempre salientado na história da medalhista de ouro da ginástica: a perda da mãe, ainda na infância que, além de ser por si só algo terrível, quase a tirou da ginástica: “Jade quase teve de deixar o esporte quando a mãe morreu. O pai não conseguia levá-la aos treinos,” de acordo com a *Revista Lance A+*, da semana de 21 a 27 de julho. Alguns anos depois, ressalta a mesma revista, a jovem atleta teve de se separar do pai e de sua cidade, o Rio de Janeiro, para treinar em definitivo com a seleção brasileira, em Curitiba, numa jornada de aprimoramentos que dura quase o dia inteiro. Tudo vencido, segundo a revista, com muita força e determinação, culminando na medalha de ouro, na competição por aparelhos. Jade é um exemplo perfeito dessa lógica de construção de heróis, que não representa a regra, mas a exceção. Possui um drama na infância, trabalhou bastante no seu esporte, horas e horas de muita “disciplina” nos treinos que, junto com sua genialidade, formaram uma atleta vencedora.

Ademais, sua figura leve, sempre sorrindo, quase pueril, ela acabava de completar 17 anos, cativava a todos. Nos Jogos Pan-americanos do Rio, Jade que começara muito bem a disputa individual geral – liderava até bem perto do fim do rodízio de aparelhos–, caiu nas barras assimétricas, perdendo muitos pontos, o que lhe tirou a possibilidade de ganhar uma medalha. “Logo depois do erro, Jade chorou muito, mas ainda teve sangue frio para retomar a série”, segundo o jornal *O Globo*, de 17 de julho (pág 8, do caderno de esportes). Duas coisas podem ser extraídas daí: primeiro, o erro e o choro, que a trazem, novamente, para o mundo das pessoas normais e a aproximam de todos. É o lado “humano”, “ordinário”, do “herói”. Disse Jade: “—Pensei: Não acredito nisso. Treinei tanto...espero poder controlar os nervos.” Em segundo lugar, exatamente o autocontrole e a superação dessa condição ordinária, quando ela retoma os exercícios e, por muito pouco, não consegue a medalha de bronze. Já no dia seguinte, 17 de julho, totalmente recuperada, Jade conquista a medalha de ouro, na final por aparelho do salto sobre o cavalo, retomando sua trajetória de heroína junto aos brasileiros, que assim passam a percebê-la. As fotos dos jornais que, no dia anterior retratavam o choro de Jade, agora revelam seu sorriso. É uma situação que se assemelha à vivenciada por



Ronaldo “Fenômeno”. Só que num curtíssimo espaço de tempo. Ronaldo viveu um drama na final da Copa de 1998, o transtorno epilético, talvez também por conta do nervosismo, mas superou tudo (inclusive as lesões no joelho) na Copa de 2002, quando marcou os dois gols da final contra a Alemanha e sagrou-se campeão do mundo<sup>9</sup>. “Aqui foi uma prova de fogo para Jade. Agora, se ela quiser, pode competir de igual para igual com as atletas americanas. A ginástica ajudou minha filha a superar a falta da mãe”, finalizou o pai da atleta, César Barbosa, na matéria mencionada acima.

## II - O reverso da moeda: pé + bola = magia

Como dissemos no início deste artigo, as referências da mídia com relação ao futebol são distintas e, no caso brasileiro, peculiares. Há uma clara dicotomia na cobertura da imprensa: de um lado, todos os esportes; de outro, o futebol. Neste último, ao contrário do que tentamos revelar até o momento, nos esportes olímpicos, ressalta-se o “herói-malandro”, o “gênio”. Categorias essas que, mesmo dentro deste esporte, são para poucos. Observamos que a mídia adora se deleitar com essa veia “macunaímica”. Ilustraremos, pois, a questão dentro dos próprios jogos pan-americanos, com os exemplos advindos do futebol feminino e do futsal, ramificação do futebol, para Mario Vasquez Rama, presidente da ODEPA. O futebol masculino, por ser uma seleção sub-17, portanto, com muitos jogadores desconhecidos do grande público, não mereceu grandes destaques. Vale lembrar que as outras seleções de futebol masculino não eram formadas por jogadores tão jovens. Um simples passeio pelos títulos das matérias sobre o futsal torna clara a questão.

O diário *Lance!*, em sua página 12A, do dia 23 de julho, traz uma matéria intitulada: “Falcão e Lenísio: a garantia do show”. Segundo o jornal, com a participação dos dois atletas, o “espetáculo” está garantido. A seleção celebrará uma espécie de “balé” nas quadras. Vale lembrar que Lenísio, contundido, não jogou o Pan. Já após a vitória de 8 a 0, sobre os cubanos, *O Globo*, de 25 de julho, na página 5 do caderno de esportes, vem com o *box*: “Show e orgulho até dos rivais”. O “verdadeiro” futsal havia aparecido e encantado a todos com lances de classe, passes milimétricos, gols e belas tramas. Retornando para o *Lance!*, no dia 28 de julho, dia da final contra os argentinos,

---

<sup>9</sup> Para um estudo sobre as narrativas da imprensa em torno de Ronaldo nas Copas de 1998 e 2002 ver Helal (2003).

a página 10A estampa o seguinte título: “Para garantir o vice argentino”. Isso antes da final. Inevitável não lembrar do fatídico quadrangular final da Copa de 50, no Brasil, quando a seleção brasileira perdeu para o Uruguai por 2 a 1.<sup>10</sup> Naquela oportunidade, claro que em proporções maiores, os jornais também já davam o resultado da vitória como certo. As capas do dia seguinte à “vitória” já estavam prontas.

Embora a atitude da mídia impressa tenha sido a mesma, o resultado foi diferente. No Pan, o Brasil venceu a Argentina e conquistou a medalha de ouro, no que deve ser a primeira e última participação do futsal em jogos pan-americanos. “Show para o Olimpo”, trouxe o *Lance!* (pág 6A), no dia 29 de julho, na cobertura da vitória. Sabemos que o Olimpo, nome de algumas montanhas na Grécia Antiga, é o lugar onde residem os deuses. Os jogadores seriam, portanto, deuses do futsal. Deus é quem tudo pode e já apareceu no mundo com sua missão divina. É algo inato.

As mulheres também ascenderam à condição de heroínas no Pan do Rio. Além do futebol praticado, com 33 gols marcados e nenhum sofrido, cinco dos quais na final contra os Estados Unidos, suas histórias também são vencedoras. Praticamente todas são de origem bastante humilde e sofreram forte preconceito, até mesmo dentro da família, por gostarem de praticar o futebol.

A falta de interesse no torneio masculino e as fracas atuações da equipe nacional de futebol que decepcionou nos jogos, contribuíram bastante para as mulheres serem alçadas a posição de representantes do “jogo bonito” praticado no Brasil. As jogadoras driblaram as dificuldades e o preconceito e venceram. Mas, para a imprensa escrita isso não aconteceu primordialmente devido ao “esforço”, aos “treinamentos” na Granja Comary, ao “empenho” diário e sim devido primordialmente ao “talento” das jogadoras. Mais uma vez, a cobertura não conseguiu unir a “genialidade” ao “trabalho”. Destacou, sobretudo, a jogadora Marta, vencedora do último prêmio de melhor jogadora de futebol do ano, da Fifa.

“Tinha vaga no time de Dunga”, diz o *Lance!* (pág 14A), do dia 21 de julho. Ou seja, num time conhecido, pela mídia, por jogar um futebol de marcação, como o de Dunga, Marta, com seu “brilho”, sua boa técnica, sua “genialidade”, teria um espaço, mesmo sendo mulher. Ela é elevada a um posto, no qual pouquíssimos jogadores

---

<sup>10</sup> Sobre uma visão comparada da cobertura jornalística da final de 1950, ver Cabo (2007)

brasileiros que conquistaram a Copa América de 2007 disputada na Venezuela derrotando a Argentina na final, tinham atingido. Depois da conquista da medalha de ouro, consagrada por todos e eternizada na Calçada da Fama do Maracanã – a primeira mulher a conseguir o feito –, Marta é assim classificada, pelo jornal *Lance!* (pág 6A), no dia 27 de julho: “Iluminada”. Tal título é acompanhado por uma montagem, com a foto da atleta e a pira pan-americana sobre sua cabeça, a iluminando. Iluminada, tocada pela luz, assim como as mentes dos filósofos franceses do final do século XVIII. O brilho dessa luz aparece, exatamente, em seus pés. Na “magia” por eles praticada, segundo a mídia impressa brasileira.

### **Considerações finais**

A questão a ser discutida é que esses potenciais heróis, não se tornam heróis de fato, sobretudo, em longo prazo. Por quê? Por dois motivos bastante complicados. Primeiro, porque vivemos num país de monocultura esportiva, isto é, o futebol ocupa todo o espaço esportivo. Isso faz com que a mídia cubra quase que exclusivamente o futebol e se “esqueça” dos outros. Ou seja, a maior parte dos heróis dos Jogos Pan-americanos logo foram “esquecidos”, após o seu término. Talvez a grande exceção tenha sido Mauren Maggi, devido à histórica conquista de uma medalha de ouro nas Olimpíadas de 2008, e Fabiana Murrer que é mais lembrada no senso comum pelo sumiço da sua vara principal nos referidos jogos do que pelos seus bons resultados internacionais. Quem se lembra das trajetórias do Diogo Silva, Juarez da Silva Soares, Pedro Lima? Quantos brasileiros identificam quais esportes são praticados por esses heróis efêmeros?

A segunda razão, intimamente ligada à primeira, é que, infelizmente, apesar de o Pan ter tido um público razoável, os esportes olímpicos não fazem parte da cultura esportiva brasileira. À exceção de alguns poucos, como o basquete e o vôlei, o brasileiro não os acompanha. Talvez porque a mídia não os cubra ou porque, provavelmente, não depositamos nossos sentimentos em atletas isolados, mas sim em entidades esportivas. Fica claro, portanto, que só existe herói, se mídia e público o reconhecerem como tal. Se o esquecerem com o tempo perderão a aura heróica. Ficarão perdidos num passado

sempre distante, até serem lembrados nos próximos Jogos. Heróis de quatro em quatro anos.

Assim sendo, a análise da cobertura dos Jogos Pan-Americanos nos veículos da imprensa carioca demonstram que as tentativas de “construção” de ídolos no campo dos esportes amadores são mais complexas e utiliza-se de uma lógica distinta da formação dos heróis futebolísticos. Aqui, valoriza-se o “suor” e a “superação” e relega-se a um plano secundário elementos como “talento” e “magia”, além de dificilmente gerarem permanências que transcendem o período dos eventos.

### **Referências bibliográficas**

**CABO, Alvaro.** “Copa do Mundo de 1950: Brasil x Uruguai – Uma análise comparada do discurso da imprensa”. In Melo, Victor Andrade (org). *História Comparada do Esporte* – Rio de Janeiro: Shape, 2007.

**GURGEL CAMPOS, Anderson.** “ Os Jogos Pan-Americanos na mídia impressa: breve análise da cobertura econômica do Rio 2007”. In Marques José Carlos (org). *Comunicação e Esporte: diálogos possíveis*. São Paulo: Artcolor, 2007.

**HELAL, Ronaldo.** “Jogo Bonito’ y Fútbol Criollo: La relación futbolísticas Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMNSON, Alejandro (Org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2007.

**HELAL Ronaldo.** “Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho”. In Antonio Adami, Bárbara Heller e Haydée Dourado de Faria Cardoso (orgs.) *Mídia, Cultura, Comunicação*2. São Paulo, Arte e Ciência, 2003.

**HELAL, Ronaldo.** “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. *Alceu* (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2003.

**SOARES, Antônio Jorge G. , SALVADOR, Marco Antônio Santoro e BARTHOLO, Thiago Lisboa.** “ Copa de 1970 – O Planejamento México”. In Gastaldo Édison Luiz e Guedes, Simone Lahud. (orgs) *Nações em campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional* – Niterói :Intertexto, 2006.